

## A RESISTÊNCIA INDÍGENA E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM BILÍNGUE E INTERCULTURAL NO ENSINO DA LÍNGUA AKWE-XERENTE

### INDIGENOUS RESISTANCE AND THE BILINGUAL AND INTERCULTURAL LEARNING PROCESS IN TEACHING THE AKWE-XERENTE LANGUAGE

Gustavo Kanõkrã Xerente<sup>1</sup>

Neila Nunes de Souza<sup>2</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** A presente pesquisa suscita transpor a importância da segunda língua para com o uso social acadêmico e os desafios enfrentados na formação docente na Universidade Federal do Tocantins. Temos como objetivo geral analisar as dificuldades dos indígenas em sala de aula e explicar a composição do alfabeto Xerente e as características fonômicas das letras. A pesquisa está dividida em quatro seções abordamos sobre os indígenas akwe, a língua, o processo de aprendizagem intercultural no ensino da língua akwe e dificuldades dos indígenas na universidade. As línguas indígenas do Brasil estão ameaçadas de extinção. Na era da globalização, o desaparecimento das línguas pode ocorrer não somente pela vontade dos inimigos dos índios, mas por um movimento que afeta todos os povos e culturas do planeta. A resistência, no entanto, continua. Portanto é de suma importância preservar a língua falada e escrita e recuperar o que aos poucos estão se perdendo, pois segundo os anciões a nossa identidade é a língua Akwẽ e é a origem de que nos definem. A língua Xerente, pertence à família linguística Jê do tronco linguístico Macro-Jê e seus parentes linguísticos mais próximos são os Xavante, de Mato Grosso e os Xakriabá, de Minas Gerais. Sendo assim, é essencial o conhecimento da língua indígena, em específico do povo Xerente, na qual somos um país plurilíngue, mas não conhecemos a cultura e nem a língua do outro.

**Palavras-chave:** Língua Akwe, Resistência, Bilíngue, Intercultural Dificuldades na Universidade.

**Abstract:** This research seeks to convey the importance of the second language to social academic use and the challenges faced in teacher training at the Federal University of Tocantins. Our general objective is to analyze the difficulties faced by indigenous people in the classroom and explain the composition of the Xerente alphabet and the phonomic characteristics of the letters. The research is divided into four sections covering the Akwe indigenous people, the language, the intercultural learning process in teaching the Akwe language and the indigenous people's difficulties at university. Brazil's indigenous languages are threatened with extinction. In the era of globalization, the disappearance of languages can occur not only by the will of the Indians' enemies, but by a movement that affects all peoples and cultures on the planet. Resistance, however, continues. Therefore, it is extremely important to preserve the spoken and written language and recover what is gradually being lost, because according to the elders, our identity is the Akwẽ language and it is the origin that defines us. The Xerente language belongs to the Jê linguistic family of the Macro-Jê linguistic trunk and its closest linguistic relatives are the

---

<sup>1</sup> Professor de Língua Portuguesa no Colégio CEMIX, na Reserva Xerente no Município de Tocantínea - TO; Graduado em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT; Mestrando do PPGLETRAS da UFT.

<sup>2</sup> Docente na Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Xavante, from Mato Grosso and the Xakriabá, from Minas Gerais. Therefore, knowledge of the indigenous language, specifically of the Xerente people, is essential, in which we are a plurilingual country, but we do not know the culture or language of the other.

**Key-words:** Akwe Language, Resistance, Bilingual, Intercultural Difficulties at University.

## ĨSIMĂZUS ZE

Tâkâhã bdâ tem wamhã romkmãdkâ kburõi ze, tet aimõ wasku romãdã prê krtawanõ mrmẽzus zê akwẽ nwa krmrẽmẽ mnõze anõkurbo nim romkmãdã nõkmõ bba kãtõ romtu rowahtum snã krsi kmã stombo mnõ hêsuka zanãmrzê warã nrõwda wta wamhã. wasimãzus zê to wat ro pibui pibumã mâr wa akwẽ mã tui krtabdi romkmãdã rowatuzêm wa kãtõ ãt wasku da nhanẽ bza akwẽ mrẽzê dat kmã alfabeto nã iwamtrẽ zê tsĩ sakra kãtõ damrẽzus ze ãsitkarẽ mnõ isanãmrze. Tãkãhã romkmãdkâ kburõi ze simpkodi sikwãipsê romãdã akwe nã hã, akwe nõi to hawi mhã damremeze, sahure damrmeze akwe mrezeêp nã rowahtuze kãtõ romãdã itui mnõ akwẽ hesuka zanãr kwai mã warã nrõwda wta wamhã. Tô kbure akwẽ kãtõ wrazu mnõ datkmã tka si Brasil wamhã tet aimõ si mrmẽze tsikutõr. Tãkãhã te aimõ wasku romãdã pibui kwa dasi sum snã hã rowahtu tmẽ, romkmãdã kwape kwa kãtõ danim romãdã nã hã - UNESCO iwaskuze tô wahu si fevereiro 2019 nã, tet aimõ tsi hêikre akwe mrmẽzus ze sikutõr nã tô kbure msnã ihêbba tô 2.500 wahu te mnõ mõri sahã. Tãkãhã tkai wa akwẽ mrmẽze isikutõrõ tô aimõ akwẽ krui kwa hawim tê si kôd, are tô ro krhêbba hawi aimõ tô bkure msnã akwẽ wãibba krsipti mnõ pra. Tanẽ nmẽ tetõ aimõ wahêipre pa. tô tanẽ zêm mnõm pra wat aimõ isanãmrõ kãtõ ikuikre akwẽ nãm romkmãdã sakran hêsuka bba, ãsikutõr mnõ wat kburõi pibumã ahãmre wahi aimõ krhêbba mnõ hawi, wanãm wawẽ tetõ aimõ wam sakra wasi mrmẽze tô wanõr tê hã, wahĩkrda tê wam rmẽ mnõze. wasimrmẽze tô danõito si akwẽ, are ãsnã krta tô dasiwaze macro Jê nã dam wamtrẽze, krêwĩmrê hã wasiwadirê tô Xavante, tka si Matogrosso hawim hã, kãtõ Xakriabã, tka si Minas Gerais hawim hã. Tane zêm hawi wat aimõ tâkãhã romkmãdkã krẽzarõt tô wat waihku pibumã kãtõ wat prê da, tô aimõ pa snã hêbba mnõda, mrẽ wakahã zawre nmẽ are to kbure wasi samãr waihku kõ pra wat kãhã krwanõmr.

**Recebido em 03 de julho de 2023.**

**Aprovado em 20 de dezembro de 2023.**

*“Educar é como catar piolho na cabeça da criança. É preciso que haja esperança, abandono, perseverança. A esperança é crença de que se está cumprindo uma missão; O abandono é a confiança do educando na palavra; A presença é a perseguição aos mais teimosos dos piolhos, é não permitir que um único escape, se perca. Só se educa pelo carinho e catar piolho é o carinho que o educador faz na cabeça do educando, estimulando-o a palavra é pela magia do silêncio. Ser educador é ser confessor dos próprios sonhos e só quem é capaz de oferecer um colo para que o educando repouse a cabeça e se abandone ao som das palavras mágicas, pode fazer o outro construir seus próprios sonhos. E pouco importa se os piolhos são apenas imaginários.”*

(Daniel Mundurucu)

## **Introdução**

A presente pesquisa suscita transpor a importância da segunda língua para com o uso social acadêmico e os desafios enfrentados na formação dos acadêmicos indígenas que são majoritariamente Xerentes no *Campus* de Porto Nacional, na Universidade Federal do Tocantins. O objetivo geral foi analisar as dificuldades dos indígenas em sala de aula e/ou universidade e apresentar como é a formação da língua akwe. A pesquisa está dividida em quatro seções a constatar: abordamos sobre os indígenas akwe, a língua, o processo de aprendizagem bilíngue no ensino da língua akwe e dificuldades dos indígenas na universidade.

Pesquisamos sobre a fonética e fonologia da língua akwe com o intuito de apresentar como se escreve e como se pronuncia a língua.

Para tanto, também abordamos a dificuldades dos indígenas na universidade e no meio acadêmico. A luz de alguns aportes teóricos que embasaram a nossa pesquisa, bem como nossa vivência na Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Segundo Sousa (2022), a “UFT implantou de forma pioneira, no ano de 2004, o sistema de Cotas para estudantes indígenas, no qual passou a reservar 5% de vagas nos vestibulares da universidade para essa população” (p.14). Ainda segundo o autor, foi através do sistema de Ações Afirmativas implantadas pela UFT, que os povos indígenas passaram a garantir ingresso no ensino superior na UFT.

Entendemos que a pesquisa será de suma importância para acadêmicos/a da UFT, inclusive pelo pesquisador ser acadêmico da instituição e indígena, do povo akwe. Os estudos aqui apresentados serão como uma ferramenta, conduzindo e perseguindo o que de fato a Universidade apresenta e que atitudes são detectadas no universo acadêmico,

focado essencialmente nos alunos indígenas.

A pesquisa é de cunho bibliográfico que está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas.

Para Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

Assim, alguns autores que nos deram o suporte teórico para o desenvolvimento da pesquisa: Alcântara (2015), Andrade (2010), Leal (2007), Sousa (2022), entre outros.

Com vista a localizar o estudo e balizarmos a leitora e o leitor, escrevemos este texto no contexto da Pandemia da Covid-19, que assola o mundo desde o ano de 2019, e no Brasil a partir do ano de 2020. De lá para cá, estivemos dois anos em isolamento social, fechados em nossas aldeias, com vista a preservação de nossas vidas e de nossas famílias. No primeiro semestre do ano de 2022, voltamos as atividades presenciais e o retorno a universidade.

## **1. CONHECENDO OS INDÍGENAS AKWE**

O povo guerreiro, resistente, forte cujo o nome é reconhecido pela etnia Xerente. Em língua nativa, em nossa própria língua nos autos afirmamos Akwe, por sua vez, esse nome deriva a pessoa, indivíduo, gente importante. Dito isso a localização dos Akwes se encontra a margens do rio Tocantins e Rio do Sono. Estão situadas em duas áreas, a primeira o território maior, do qual é chamado de área Xerente que concentra a quantidade de população maior de indígenas Xerente. A segunda área corresponde ao menor território de comunidade alocada.

Segundo o polo de saúde indígena, estima-se cerca de 100 aldeias e quase cinco mil indígenas vivendo na Reserva Xerente, que condiz com as duas áreas mencionadas. Sendo assim, de forma mais específica trataremos da região funil que concentra poucas aldeias, são oito aldeias que faz parte do território Funil. Vale destacar que este nome

“Funil” também corresponde a aldeia maior dessa região, pois o nome surgiu devido ser a primeira aldeia ser fundada e demarcada no ano de 1972.

Em consonância, situar-se do território Xerente é essencial para conhecer os povos de cultura indígena que vivem nesse espaço reduzido. No entanto, o modo de vivência desse povo se dá no que chamamos de dual, ou seja, a expressão que está ligado a dualidade, em outras palavras os akwes se organizam a partir da existência de duas coisas, formamos o Doi e Wahirê, esses que regem o modo como nos organizamos e respeitamos um ao outro. Dentre esses que denominamos metade, existem três clãs, isto é, cada metade é compostos por três clãs, assim totalizando seis clãs.

Para tanto, tudo que demanda no ministério de festa grande, que tem o nome de “Dasipê” acontece a caracterização em seu respectivo clã que corresponde a sua pintura corporal. A nossa fala além de ser uma língua em que nos comunicamos, também retrata a nossa identidade, junta às pinturas que traz consigo uma identificação de qual clã pertence, com isso em termo conhecido na língua portuguesa, diríamos que é identidade dos povos indígenas akwe. Em consonância a prática de falar na sua língua nativo e concentrar em quaisquer instituições com suas peculiaridades de pintura, é uma forma de resistência, no qual a sociedade brasileira de forma inocente ou não tem a pretensão de aniquilar as línguas dos povos originários por meio da não aceitação na sociedade com seus respectivos costumes.

## **2. A LÍNGUA AKWE RESISTE**

O ataque contra os direitos indígenas tem se intensificado no atual governo do Jair Bolsonaro. Assim as línguas indígenas do Brasil estão ameaçadas de extinção. Isso é o que revela um estudo da União das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO publicado em fevereiro 2019, que situa as línguas indígenas entre outras 2.500 em perigo de desaparecer nos próximos anos.

Na era da globalização, o desaparecimento das línguas pode ocorrer não somente pela vontade dos inimigos dos indígenas, mas por um movimento que afeta todos os povos e culturas do planeta. A resistência, no entanto, continua.

O idioma Xerente, que se tornou idioma cooficial ao lado do Português, no município de Tocantínia, TO, pela lei municipal. No 04/2012, de 13 de abril de 2012 é falado por cerca de aproximadamente cinco mil indígenas Xerentes que habitam as aldeias, entre os Rios Tocantins e Sono, no Estado do Tocantins. Nossas terras compreendem duas

áreas indígena, situado na (Área Indígena Xerente e Área Indígena do Funil).

A língua Xerente, é autodenominada akwê, pertence à família linguística Jê do tronco linguístico Macro-Jê. Seus parentes linguísticos mais próximos são os Xavante, de Mato Grosso e os Xakriabá, de Minas Gerais. Esta descrição apresenta o alfabeto da língua Xerente, a estrutura da sílaba Xerente e as regras para a escrita da língua Xerente.

### **3. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM BILÍNGUE E INTERCULTURAL NO ENSINO DA LÍNGUA AKWE**

Com ênfase no ensino bilíngue e intercultural visto que na comunidade indígena, no qual o ensino e aprendizagem da língua portuguesa (L2) está no contexto de segunda língua. Assim sendo a língua materna apresenta-se como (L1) primeira língua.

Analogicamente, a resistência no âmbito das línguas nativas é extremamente envolvente, desenvolver olhares preocupados em proteger e assim associar nos valores que a sociedade em estado de uso universal da língua impõe, ou seja, a Língua Portuguesa. Assim sendo, as línguas indígenas do Brasil, são devastadas, sobretudo, pois estão diminuindo consideravelmente pelo não reconhecimento como uma língua de uso de um povo que faz parte de um ente federativo.

Com isso, as línguas estão em processo ameaçadas de extinção, porém através de mobilização, luta de direitos, inserção em ensino superior com as formas de ensino diferenciado nos princípios de ensino cultural e a não cultural de um povo, caminhamos para um reconhecimento universal enquanto povo nativo com seu uso exclusivo de língua na sociedade brasileira.

Em virtude disso, o processo de aprendizagem no ensino da língua akwe-xerente se dá no âmbito da estrutura de letras alfabéticas formada e escrita pelas pessoas indígenas do povo xerente, em que de início obtiveram uma formação inicial a respeito da língua portuguesa em torno do ensino e aprendizagem da língua Akwe. Assim, com o contato da //composição da alfabetização brasileira, de modo geral, as estruturas alfabético caminha com a mesma quantidade numérica, em comparação a da língua portuguesa, mas representado de forma diferente no contexto vogalica e consonantal. Isto é, as letras alfabeto brasileiro contém 26 letras, sendo 5 vogais e 21 consoantes. Já visando no panorama de organização de alfabético da língua akwe que corresponde a 26 letras, sendo ela 14 vogais e 12 consoantes.

Para tanto, nessa perspectiva essa transição das letras são idênticas, porém com as

tonalidades fortes, e pronúncia de consoantes conforme o seu fonema, ou seja, além das vogais serem a maioria acompanhar com diacríticos, sendo ela apresentado com o til (~), com o circunflexo (^), e com o acento agudo (´), mas este, na estrutura padrão da vogal de língua akwe, não há necessidade de aparecer o diacrítico acento agudo, neste caso o diacrítico surge sempre e somente em letras vogais, em última sílaba, de forma implícita.

O alfabeto Akwe, como falamos anteriormente, é composto por 26 letras, sendo 12 consoantes e 14 vogais, sucedendo de nove orais, e cinco nasalizadas. Existem algumas letras que não são usadas e não aparecem na composição da língua indígena Akwê, sendo elas as letras C, F, G, J, L, Q, V, Y.

As consoantes (12) consoantes são: B, D, H, K, M, N, P, R, S, T, W, Z. Vejamos as seguintes formações de cada letra e as pronúncias de algumas palavras: **bâ** – urucum; **dakwa** – dente; **hêsu** - folha; **krawa** – paca; **mã** –ema; **nôzâ** – milha; **pirko** – borboleta; **rkopre** – iluminar; **sdakro** – sol; **tpê** – peixe; **wdê** – árvore; **zâ** – maracá.

Existem três tipos de vogais que são: orais, sinalizadas e nasalizadas.

As vogais orais são as padrão (sem sinais diacríticos) adota a representação gráfica padrão: como por exemplo [A, E, I, O, U] e as seguintes palavras **A** - **amke** - cobra; **E** - **Ake** – semente de tiririca, **Sipre** – arara vermelha, **Kupre** – cerimônia de homenagem fúnebre; **I** – **ikrã** – cabeça; **O** – **toki** – pássaro preto; **U** – **kuza** – onça preta.

Pronunciamos como o “é” (aberta) do português da palavra “café”, porém o “e” do alfabeto akwe tem sempre essa mesma realização em todos os ambientes onde ocorre, ou seja, nunca é usada para representar outro som, como acontece com o “e” da língua português.

As Vogais Sinalizadas (com diacríticos) a mesma representação gráfica padrão, porém marcadas com acento circunflexo como por exemplo: [Â, Ê, Ô, Û] e as seguintes palavras: **Â** – **zâ** – maracá; **Ê** – **duzê** – açúcar; **Ô** – **dasô** – procura de alguém; **Û** – **zûzû** – gafanhoto ; **kâzaikû** - boto ; **ĩdatkû** – mãe.

As Vogais Nasalizadas (com diacríticos) que recebe a mesma representação gráfica padrão, porém marcadas com til como por exemplo: [Ã, Ë, Ì, Ï, Õ] e as seguintes palavras: **Ã** – **wapsã** – cachorro; **Ë** - **dapkẽ** - coração; **ĩ** – **wĩ** – matar; **Û** - **kûwa** – lá; **Õ** – **wakõ** – quati.

Existem três erros mais comuns cometidos pelos falantes não nativos da língua, na pronúncia e na escrita da língua akwe.

Primeiro, a tendência de se colocar o acento agudo do Português nas vogais finais

{a}, {e} e {o}: O acento na língua akwe, cai sempre na última sílaba da palavra. Isto é, todas as palavras akwe são oxítonas. Por isso, em akwe não se tem diacríticos marcadores de acentuação. Os diacríticos “circunflexo” e “til” marcam a qualidade da vogal sobre a qual ocorrem e não o acento da palavra. Já o acento agudo do português, não é usado em akwe. As vogais {e} e {o} do akwe, já são abertas e não precisam de diacríticos diferenciadores. Vejamos os exemplos a seguir, no Quadro 1:

**Quadro 1:** Exemplos de palavras em Akwe: certo, errado e a tradução para o português

Certo	Errado	Tradução
Sipre	sipré	‘arara vermelha’
Suwate	Suwaté	‘nome Xerente masculino’
Kripre	Kripré	‘nome indígena da aldeia Salto’
Dato	dató	‘olho humano’
Arbo	arbó	‘morcego’
Danõito	danõitó	‘língua humana’
Brupahi	Brupaí	‘nome Xerente feminino’
Sika	siká	‘galinha’

Organização do autor (2022).

A tendência de se marcar a nasalidade das vogais com o “m” e “n” do português o diacrítico marcador de nasalidade em akwe é o til. Nessa língua não se usam as consoantes “m” e “n” para marcarem nasalidade, como acontece com o Português. Ocorre que, os não falantes dessa língua, pouco familiarizados com a escrita akwe, têm a tendência de marcar a nasalização em akwe justamente com essas duas letras consonantais. Vejamos o exemplo no Quadro 2:



**Quadro 2:** Exemplos de palavras em Akwe: certo, errado e a tradução para o português

Certo	Errado	Tradução
Tã	tam	‘chuva’
Kâtô	kantô	‘e’ (conjunção)
Akwẽ	akwen/akwem	‘índio Xerente’
Srêpawẽ	Srêpawem	‘nome Xerente masculino’
Samrĩ	Samrim	‘nome Xerente masculino’
Samrõ	samrom	‘ouriço’
Samõru	Samonru	‘nome Xerente masculino’
Kũwa	kunwa	‘lá (locativo)’

Organização do autor (2022).

A tendência de se pronunciar uma vogal inteira onde existe apenas uma transição aberta (uma meia vogal). Na língua akwe o encontro entre duas consoantes, dentre uma sílaba, há uma transição, quando as duas consoantes são surdas, a transição é surda e quando uma delas ou ambas são sonoras, a transição é sonora (chamada transição aberta). Nesse último caso, o som é como se fosse de uma “meia vogal” na fonética, a transição surda é representada pelo símbolo [h] e a transição aberta sonora é representada pelo símbolo [ə]. Aprendizes da língua akwe têm a tendência de pronunciar uma vogal inteira, nessas transições, formando uma nova sílaba, vício, este, que se corrige com tempo e treino. Vejamos o exemplo, no Quadro 3:

**Quadro 3:** Exemplos de palavras em Akwe: certo, errado, transcrição fonética e a tradução para o português

Certo	Errado	Transcrição Fonética	Tradução
Pku	puku	[phku]	‘lagoa’
dazdapda	dazdapêda	[dazdapəda]	‘queixo’
Tkidi	tikidi	[thkidi]	‘existem flechas’
Tbê	têbê	[t əbe]	‘peixe’

Organização do autor (2022).

A estrutura básica das sílabas da língua akwe são formadas por vogal, por ditongo e por consoante e vogal. Exemplos de sílabas formadas por vogal: **a-pa** - ‘calango’; **ĩ-hê** - ‘sim (licença)’; **akâ** - ‘espere’; **a-du** - ‘ainda não’; **ê-hê** - ‘sim (confirmação)’; **ĩ-hâ** - ‘minha pele’; **a-re** - ‘e, também’; **ĩ-hĩ** - ‘sim (é isso)’; **ã-re** - ‘não (fala masculina)’. Assim, passemos as dificuldades indígenas nas universidades.

#### 4. DIFICULDADES DOS INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE

A realização desta pesquisa abordando inclusive as dificuldades indígenas na universidade, visa dialogar com os discentes e com os docentes, sob teorias do papel do professor, como mediador do conhecimento.

A posse desse conhecimento sobre o aluno como sujeito consciente, mas, também, sobre o ensino e a natureza do objeto de conhecimento[...] A posse desse conhecimento instrumentalizará o professor para desempenhar o seu papel de mediador (LEAL,2007, p. 81).

Dentro desse contexto há vários aspectos associados, fatores que ajuda o mediador tomar outros métodos de aprendizagem, por estar ligado a atividade sociais distintos, e um cognitivo de natureza bastante complexo.

Os jovens indígenas começam sua trajetória educacional na escola indígena na aldeia, alfabetizada em akwe pelos seus pais, e chegam na universidade e se deparam com

diversos problemas entre eles a dificuldade de falar e escrever o português, como eles relatam:

Que vieram de cultura diferente, tudo era novidade para mim, sentia medo, com o tempo fui me adaptando, aprendendo e compreendendo o português e os conteúdos passados pela professora. No ensino médio já estava fluente no português facilitando a compreensão dos conteúdos. No entanto, raramente conseguia expor meus conhecimentos devido ao medo que sentia de falar algum português errado [...] (JOVEM INDÍGENA, s/d).

Para Santos (2010, p. 31), “a desigualdade dos diferentes” se dá quando o indígena passa a ser um estudante das escolas do estado, sofrem discriminação por não falarem o português fluente, passando por tratamentos e olhares de reprovação e julgamentos preconceituosos até mesmo de alguns professores. Toda essa problemática remete às questões sociais e um histórico violento contra os indígenas, e a generalização do preconceito existente, até a língua materna acaba sendo evitada, a partir do contato com a escola passa a falar o português em determinados ambientes principalmente na escola e universidade, e a língua materna passa a ser falada apenas na aldeia.

Essa realidade é visível entre alguns indígenas que não se declaram descendentes ou pertencentes a alguma etnia por vergonha e/ou medo de preconceito. Além dessas dificuldades apresentadas, quando os indígenas passam a ser estudantes universitário, passam por diversos problemas, como a desvalorização e adaptação, o deslocamento da aldeia até universidade, os gastos financeiros, que não são levadas em consideração, mas se faz necessário para permanência na graduação. Para a jovem no excerto supra citado, foi um desafio, além de quesitos sociais como falta de incentivo e oportunidade, a desigualdade através de bolsas para os estudantes indígenas, falta de transporte na universidade, bem como a desigualdade entre outros problemas encontrados pelos indígenas.

Alcântara (2015) enfatiza a invisibilidade e sobre como os estudantes indígenas são percebidos dentro da universidade:

[...] sobre a situação como os alunos e professores concebem os Tentehar, nos cursos de Ciências Naturais e Humanas, alguns sujeitos apresentaram uma percepção dessa situação de invisibilização e preconceito contra os indígenas, mas analisaram que, atualmente, as relações estão mais amistosas e que os indígenas vêm conquistando uma valorização frente à sociedade. (ALCÂNTARA, 2015, p. 122).

Em relação aos indígenas na universidade, essa realidade ele reconhece que precisa ser mudada e tudo isso depende de governos e de políticas e ações afirmativas

voltadas para eliminar ou mesmo amenizar o sofrimento daqueles que buscam uma graduação. Apesar de todas as dificuldades para ela é importante ter acesso à educação, principalmente à educação superior, para adquirir formas de empoderamento e poder usufruir dos seus conhecimentos, assumir e ter a possibilidade de ajudar seu povo na construção de saberes e manter sua identidade e sua cultura.

Com este trabalho percebemos que se tem avançado, mas ainda tem muito que melhorar em relação à educação e ao respeito pela cultura dos povos indígenas. É necessária uma educação e ações afirmativas voltadas a essas populações, que não são oferecidas de bom grado pelos governos. Ao apresentar as dificuldades vividas pelos jovens indígenas buscamos demonstrar a importância da educação independente de etnia, todos têm direito a ter um ensino de qualidade e igual, para manter a sua identidade e espaço garantido por meios de lutas sociais a esses povos, a reprodução dos preconceitos como manifestação da colonialidade nacional é presente em todo o aspecto em Grajaú pelo discurso colonial que busca inviabilizar os povos indígenas. Pensar formas de amenizar a desigualdade e discriminação contra esses povos faz se necessário principalmente em um cenário marcado por conflitos entre indígenas e não - indígenas. Além de ações afirmativas e sociais no contexto educacional e na universidade, é preciso discussões a ser pensadas e debatidas sobre essas problemáticas.

Como um meio de dar oportunidade a outros jovens indígenas, que objetiva seguir estudando, aprimorando seus conhecimentos buscando seu espaço, interligando sua trajetória formal ao seu processo identitário, sendo protagonistas de sua própria história, buscando ser atendidas em suas especificidades, pela necessidade de defender e preservar a sua cultura e seu povo. Uma vez que é direito dos povos indígenas ser inseridos na educação e ter um ensino de qualidade, como o acesso às universidades, ganhando visibilidade.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observamos que a Universidade não-indígena caminha a passos lentos no sentido de valorização da cultura dos indígenas. A Universidade necessita ter políticas que não apenas demonstrem que está fazendo inclusão, mas precisa acontecer de fato. Na minha vivência na instituição percebo poucas iniciativas em prol dos indígenas. Deveria ser priorizado programas que dialogassem com o povo indígena e a universidade.

Na perspectiva de os indígenas aprenderem, necessitaria da implantação de um

intérprete que esteja no mesmo espaço dos alunos indígenas, com o fim de acompanhar pela língua a qual consegue discernir com mais facilidade, conhecimentos passados pelos professores/a na sala de aula. A exemplo dos alunos do Curso de Libras do *Campus* de Porto Nacional - UFT que recebem uma atenção especial sob a orientação de quem faz parte desse universo.

A Universidade é uma condição de inserção na sociedade não-indígena, pois depende de que os indígenas estejam qualificados para incorporar funções em papéis sociais inclusive para prover o seu sustento do dia a dia, de suas famílias. Faz-se necessária a apropriação da cultura não-indígena, inclusive para preservarmos a cultura indígena.

Uma das formas de dialogar e promover o intercâmbio da cultura indígena com a não-indígena e promovendo inclusive a visibilidade dos estudantes indígenas, com vista ao aprendizado, convívio e essencialmente o acesso ao conhecimento que possa acarretar autonomia no convívio social.

Para as acadêmicas e os acadêmicos indígenas fazem necessário pensar em políticas públicas de inclusão, a exemplo de retornar a monitoria indígena, que não trata apenas na questão da língua portuguesa, como também a língua dos nativos, dos estudantes indígenas. Ressaltamos que o Programa de Monitoria Indígena desenvolvido nos anos de 2018 e 2019, foi de suma importância para a inserção dos estudantes indígenas na universidade.

No ano de 2022, após dois anos de isolamento social, retornamos as atividades presencialmente na universidade, mas ainda vivemos a Pandemia da Covid-19 e o apoio aos estudantes indígenas restringe-se a poucos recursos de algumas bolsas de permanência, que não contemplam as necessidades financeiras para a sobrevivência dos estudantes, bem como o apoio para além do financeiro se dá apenas nas ações isoladas de alguns docentes e estudantes não-indígenas, com o fim de integrar os indígenas na universidade. Apesar da UFT ter cotas para ingresso de estudantes indígenas desde o ano de 2004, as políticas de permanência não acompanharam durante esse tempo o cuidado para que os estudantes tenham as condições de permanecer na universidade, manter-se e concluir os estudos.

## Referências

ANDRADE, M. M. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

ALCANTARA, Ramon Luís de Santana. **Formação para diversidade? Desafios de professores.** Teste de doutorado. Universidade Federal do Maranhão. Programa de políticas Públicas. São Luiz, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14.724: informação e documentação - trabalhos acadêmicos – apresentação.** RIO de Janeiro, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15.287: informação e documentação - projeto de pesquisa - apresentação.** Rio de Janeiro. 8 p

LEAL, Kátia Reis de. **Planejando o ensino de produção de textos escritos na escola.** 2017 p. 81 – 86.

MATTOS, R. de. **Fonêmica Xerente.** Brasília: SIL. (Serie Linguística 1).1973

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, MENESES, Maria Paula (orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

SARAVALI, E.G. **Dificuldades de Aprendizagem e Interação Social.** 2003. 157f. Tese (Doutorado em Psicologia Educacional) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SOUSA FILHO, Sinval Martins de (2010). **Aspectos morfossintáticos da língua Akwe-Xerente ã (Jê).** Jundiá: Paco Editorial. Pp. 214. ISBN 978-85-63381-00-2.

SOUSA, Junio Cesar Alves de. **Uma Interpretação para as dificuldades enfrentadas pelos acadêmicos Indígenas Akwê-Xerente no Curso de Letras do Campus de Porto Nacional da Universidade Federal do Tocantins.** UFT/2022, Porto Nacional. (Dissertação de Mestrado).

SOUZA, Shelton L. **Fonologia Segmental da língua Xerente.** In Simpósios Integrados de Letras – Linguagem: múltiplos olhares. Goiânia, 05 a 07 de outubro de 2005. Goiânia: UFG.